

As mulheres na dança do movimento *Hip Hop*: uma visão a partir dos próprios membros do movimento

Priscila de Oliveira Rodrigues
Licencianda em Dança/UFS

RESUMO

O *Break* por ser uma dança do movimento *Hip Hop* constituída por movimentos de força e vigorosos, hipoteticamente, não propiciava a presença feminina, o que resulta numa predominância masculina (ALVES, 2009). Esta pesquisa qualitativa buscou compreender como os *b. boys* veem as mulheres dentro do movimento *Hip Hop* dançando o *Break*, uma vez que há escassez da presença da mulher principalmente na dança. O estudo se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com dois grupos da cidade de Aracaju-Sergipe em 2012. Os resultados mostraram que, segundo os *b. boys*, a ausência das *b. girls* provém da falta de incentivo de quem já dança e da própria força de vontade da mulher de querer aprender a dançar. Há também a questão da discriminação que pode ocorrer devido a ser um movimento predominantemente frequentado e dirigido por homens. Diante dessas questões abordadas, percebeu-se que a mulher é bem vista pelos membros do movimento *Hip Hop* e que elas exercem um papel importante, pois elas buscam a todo instante ocupar seu espaço mostrando que também são capazes, sendo motivo de orgulho para os *b. boys* de Aracaju-SE.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Dança. *Hip Hop*.

ABSTRACT

The *Break* for being a hip hop dance move consisting of strength and vigorous movements, hypothetically, not fed the female presence, resulting in a male predominance (ALVES, 2009). This qualitative study aimed to understand how *b. boys* see women within the movement *Hip Hop* dancing *Break*, since there is a lack of presence of women especially in dance. The study was done through semi-structured interviews conducted with two groups from the city of Aracaju-SE in 2012. The results showed that, according *b. boys*, the absence of *b. girls* stems from the lack of incentives for those who already own dance and willpower of women wanting to learn to dance. There is also the issue of discrimination that can occur due to movement and attended predominantly run by men. Given these issues addressed, it was noticed that the woman is well regarded by members of the *hip hop* movement and they play an important role, as they seek to occupy their space all the time showing you are also able, being a source of pride for *b. boys* of Aracaju- SE.

KEYWORDS: Woman. Dance. *Hip Hop*.

As mulheres na dança do movimento *Hip Hop*: uma visão a partir dos próprios membros do movimento

Priscila de Oliveira Rodrigues
Licencianda em Dança/UFS

1. Introdução

Nos Estados Unidos, na década de 60 para 70, na cidade de Nova Iorque, os jovens negros, caribenhos e hispânicos criam o movimento cultural e urbano chamado de *hip hop*, em meio à situação econômica e social precária. O movimento do *hip hop* é composto por quatro elementos: o Mc (conhecido como Mestre de Cerimônia é quem compõe e canta o *rap*), o Dj (que realiza as mixagens nas músicas), o Grafiteiro (utiliza da arte de pintar com spray ou tinta látex retratando situações da sociedade) e o *Break* (uma dança que quem a pratica recebe o nome de *b. boy* e *b. girl*). Não se pode isolar nenhum desses elementos, pois na ausência de algum, não poderá ser considerado movimento do *hip hop* (ALVES, 2009, p. 32).

O *break* por ser uma dança constituída por movimentos de força e vigorosos, hipoteticamente, não propiciava a presença feminina, o que resulta numa predominância masculina, tanto na dança como no movimento como um todo. No Rio de Janeiro, em Pedra de Guaratiba, bairro da periferia oeste, é um lugar peculiar em que a grande parte dos membros é composta por mulheres que

dançam o *break*, apresentando por volta de 80 jovens integrantes do movimento *hip hop*, sendo que 70 % são indivíduos do sexo feminino (ALVES, 2009, p. 34).

Por perceber uma escassez da presença da mulher no movimento *hip hop*, principalmente na dança *break*, foi que surgiu esse interesse por parte das pesquisadoras provindo do contato com 2 grupos da cidade de Aracaju-SE e ao participar de movimentos, ou seja, de eventos em que se viu nas batalhas que somente os *b. boys* competiam. Daí surgiu o questionamento: como os *b. boys* veem as mulheres dentro do movimento dançando o *break*?

Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivos identificar a visão que os *b. boys* possuem em relação às mulheres que dançam o *break*, ou seja, as *b. girls*, bem como verificar qual é o papel da mesma dentro do movimento do *hip hop* na dança do *break* e analisar a sua valorização dentro do movimento.

A justificativa do trabalho dá-se ao observar a escassez em relação à discussão sobre este tema, pois é importante entender a grande diferença da quantidade de *b. girls* em relação aos *b. boys* em Aracaju- SE. Na discussão pergunta-se se a ausência delas é devido à falta de propagação do movimento ou se os *b. boys* têm algum receio em ter mulheres dançando em seus grupos? Dessa forma entende-se o porquê dessa ausência das *b. girls* nos grupos de dança do movimento *hip hop* em Aracaju.

2. Referencial teórico

2.1. Conhecendo a história do *Hip Hop*

O movimento *hip hop* teve sua origem na década de 1960, em Nova Iorque, no bairro do *Bronx*, criado por jovens negros, pobres e caribenhos. O *hip hop* é dividido em quatro elementos importantes: *Mc*, *Dj*, Grafiteiro e *B-Boy*. O *Mc* é aquele indivíduo que cria as letras do *rap*, *Dj* é aquele que manuseia a aparelhagem de som, efetuando as mixagens e quebradas. O *break* foi criado pelo *Dj* Jamaicano *Kool Herc* na década de 70. A origem dos chamados *break boys* se deu pelos jovens que dançavam nas batidas das mixagens, o que fez surgir o *b-boy* e a *b-girl*. O Graffiti é uma arte muito popular, na qual os grafiteiros usam os muros e fachadas das cidades para expor suas artes (ALVES, VOTRE, 2009, p. 1-2).

Cada grupo e movimento tem sua particularidade, sua causa para lutar, devido à insatisfação que acaba levando a uma contestação. O movimento tenta promover uma transformação e estabelece metas para alcançá-la.

O *hip hop* nasce nos Estados Unidos a partir de uma mistura de conceitos. Primeiramente aproveita-se do gosto pela arte, música e dança e conseqüentemente para organizar a comunidade com o fim de combater a violência, diminuir as disputas entre as gangues. O *hip hop* no Brasil cresce e amplia seu sentido como cultura, como arte, mas uma arte carregada de sentido, uma cultura vinculada à contestação, manifestação de inconformismo (FOCHI, 2007, p. 67).

2.2. Dança *Break*: os *B. Boys* e *B. Girls*

O Dj Kool Herc, foi quem idealizou o termo *break*, que recebe essa denominação devido às acrobacias e quebradas ocorrerem justamente nas batidas, mixagens e quebradas das músicas. Os termos *b-boys* e *b-girls* surgiram a partir dos jovens que dançavam nas quebradas das mixagens sendo chamados de *break boys*. Seus principais movimentos são o *eletroboogie* (com movimentos robotizados), o *up rock* (o sapateado do *break*), e o *breakdancing* (são os movimentos acrobáticos e giros no solo), sendo esses três os que mais caracterizam o *break*, porém há a existência de outros movimentos dentro da dança (ALVES, 2009, p. 33).

Segundo Alves e Votre (2008, p. 5) em sua pesquisa de campo numa comunidade pobre da cidade do Rio de Janeiro, para os homens, as dançarinas entram no movimento na busca do *hip hop* mídia. Quando percebem a diferença que existe entre ambos, algumas saem e as que ficam são consideradas como guerreiras. Eles alegam que os motivos pelos quais as fazem entrar na dança têm a ver com o desejo de descobrir o novo e de se apresentar fazendo algo diferente estimulando um sentimento de valorização.

No entanto, a movimentação do *break* exige bastante força física, principalmente os movimentos acrobáticos, os quais segundo os rapazes, as moças ficam num nível mais baixo, e, que dependendo do treino pode superá-los. Para eles a técnica bem executada pode substituir a força exigida por determinados movimentos (ALVES, VOTRE, 2008, p. 5).

3. Metodologia

3.1. Abordagens

Considerando que esta pesquisa tem como objetivo identificar a visão que os *b. boys* possuem em relação à mulher que dança o *break*, bem como investigar o papel da mesma e analisar a sua valorização dentro do movimento, esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa ocorre através da relação constante entre o que está sendo observado e o desenvolvimento teórico e que se apresenta como uma das variadas possibilidades de investigação (BULMER, 1977 *apud* TERENCE, FILHO, 2006, p. 3). Este método é necessário para reconhecer e analisar os significados do objeto de estudo, as relações que se estabelecem e possibilita identificar o desenvolvimento de novas percepções sobre a diversidade dos fenômenos sociais (BARTUNEK, SEO, 2002 *apud* TERENCE, FILHO, 2006, p. 4).

3.2. Amostra

3.2.1. Sujeitos da pesquisa

A amostra é composta por dois grupos do movimento *Hip Hop* de Aracaju-Sergipe, o grupo A, o qual é composto por 4 membros, e, pelo grupo B, com 5 membros. Todos os indivíduos envolvidos na pesquisa assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido no qual foram informados quanto ao anonimato, objetivos e finalidade da pesquisa, e, que poderiam desistir a qualquer tempo de participar.

3.3. Coleta e análise de dados

A coleta de dados ocorreu no mês de maio de 2012. O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada, a qual continha perguntas relacionadas à visão dos *b. boys* em relação às mulheres que dançam o *break*.

Optou-se pela entrevista semiestruturada, pois a mesma permite a interação social e obtenção de dados por meio da fala individual no qual há a possibilidade do entrevistado discorrer sobre suas experiências a partir do que se é questionado e que ao mesmo tempo possibilita respostas livres, espontâneas (TRIVINÕS, 1987 *apud* LIMA, ALMEIDA, LIMA 1999, p. 133).

Desse modo, a entrevista foi composta por seis questões, a fim de verificar o olhar que os *b. boys* têm em relação à mulher no *break*, o papel que exercem e a valorização das mesmas no momento *hip hop*: Qual a visão que você tem quando uma *b. girl* esta em uma batalha? Acha justo uma *b. girl* disputar uma batalha com um *b. boy*? Na sua visão o que você pensa da mulher que dança o *break*? O que falta para a mulher que aprecia o movimento *hip hop* dançar? Em sua opinião a mulher é bem aceita no movimento? Por quê? No seu grupo tem *b. girls*? Caso a resposta seja não, por quê?

Após a coleta de dados foi feita a análise qualitativa, baseado nas respostas encontradas nas entrevistas.

4. Resultados e discussão

Procurou-se observar, por meio da entrevista semi-estruturada, a visão que os *b. boys* têm em relação à mulher que dança o *break*, o papel que exerce e a valorização da mesma dentro do movimento *hip hop*. Desse modo foram entrevistados 3 *b. boys* do grupo B e 4 *b. boys* do grupo A.

Na primeira pergunta foi questionado qual a visão que o *b. boy* tem quando um *b. girl* está em uma batalha? Alguns *b. boys* responderam:

b1: “Eu acho massa, eu acho massa ver *b. girl* batalhando e eu acho também ao mesmo tempo superação...porque mulher fazer coisas que praticamente todo mundo pensa que é só homem que faz, então assim, eu acho muito massa”.

b3: “Eu já disputei com uma *b. girl* ela tava em outra crew, ai é muito massa porque ela intimida mesmo, num quer saber se é homem ela intimida mesmo, muito massa”.

b6: “Eu acho lindo. Quando o cara vai dançar ele faz gestos como ‘toma num sei o que e tal’ então a visão que eu tenho é que ela tem que dançar do jeito que ela é, mulher, não adianta ela querer imitar o homem, ela tem que dançar do jeito que ela é e representar, chegar e dançar, mulher é mulher num adianta fazer gestos de homem que num tem nada a ver”.

Pode-se perceber em relação às *b. girls* que elas são muito valorizadas pelos *b. boys* porque eles admiram bastante quando uma mulher está dançando pela coragem, pela desenvoltura na dança, pela força de vontade.

Na pesquisa realizada por Alves e Votre (2008, p. 5), diz que os líderes na hora de dançar independente do gênero, não fazem distinção, pelo contrário são grandes incentivadores delas.

Na segunda pergunta se quer saber se o *b. boy* acha justo uma *b. girl* disputar uma batalha com o *b. boy*, todos disseram que sim e que as tratam com igualdade independente do gênero, acreditando na capacidade da mulher conseguir fazer o que o homem faz dentro da dança.

b2: “Acho, se eu tenho talento pra dançar ela também pode ter, porque não”.

b4: “Acho, porque não? Se a mulher tem o mesmo potencial que um homem, às vezes a mulher é bem melhor que o homem”.

b7: “Acho, porque se eu posso fazer ela também pode”.

No geral é possível encontrar publicações sobre culturas juvenis que abrange a categoria juvenil como um todo não fazendo nenhuma distinção de gênero entre os jovens (WELLER, 2005, p. 108).

Na terceira questão se perguntou qual a visão deles em relação à mulher que dança o *break*, uns disseram que acham normal, outros alegam que o *break* não é somente ter força e sim um conjunto, pois também se leva em conta a musicalidade, a limpeza dos movimentos e que elas fazem isso muito bem e que necessariamente não é preciso fazer movimentos que exijam muita força. Eles demonstraram também que gostam de ver a mulher dançar, de vê-las fazendo o que eles fazem.

b1: “Todo mundo pensa que *break* é usar forças, é usar isso, é usar aquilo, mas existem vários aspectos pra isso, tem musicalidade, tem limpeza dos movimentos que até os *b. boys* pelo menos daqui do estado não fazem, mas a maioria das mulheres que trabalha o *footwork*, *top rock* elas tentam fazer as limpezas já que muitas não conseguem fazer movimentos difíceis isso num julga em nada não, num influência em nada não em relação a ter que fazer movimento de força pra ganhar uma batalha, batalha num é só movimento de força, é a música, a expressão, a expressão facial, a expressão corporal”.

b2: “Eu tava incentivando a minha namorada pra dançar também, ela não quis, ela não gosta, mas eu tentei traze-la pra dançar porque eu gosto, eu gosto de ver mulher dançando”.

b4: “Num tem coisa melhor, é uma coisa boa porque até como é bem difícil de ter mulheres dentro de um movimento então você vê uma mulher dentro de uma batalha de *break* tando ali, tando ali direto, é coisa de outro mundo entendeu, e assim a gente tem que considerar todos iguais”.

b6: “Surpreendente, porque tem tantos homens que vem e acham que é difícil e uma mulher ta fazendo o que eu acho que é difícil pra mim ta se ralando no chão, fazendo saltos eu acho que é muito surpreendente isso aí”.

Percebeu-se que a participação de mulheres no *break* é motivo de orgulho para os líderes principalmente por elas demonstrarem grande desempenho numa dança que é considerada masculina, para elas é um meio de mostrar que tem capacidade de dançar como eles (ALVES, VOTRE, 2008, p. 4).

Na quarta pergunta se questionou sobre o que falta pra mulher que aprecia o movimento *hip hop* dançar, na opinião de alguns, o que falta é incentivo de quem já faz parte do movimento e força de vontade e interesse por parte da mulher que aprecia, eles veem a presença feminina como algo bom, pois acreditam que fortalece o movimento.

b2: “As pessoas abrirem mais espaços pras *b. girls* porque tem homem que num quer se juntar com *b. girl* porque vai ser “difícil”. Eu acho massa, queria que tivesse mais *b. girl* pra dançar que aqui não tem em Aracaju”.

b4: “Se ela acha bonito se ela que aprecia é a vontade dela agora é uma coisa boa que fortalece o movimento porque não importa se você é *b. boy*, se é *b. girl*, se é *Mc*, *Dj* ou *grafiteiro* não importa desde quando você passa a curtir o movimento velho, o *hip hop* passa a crescer cada vez mais então se a mulher ta ali fortalece mais ainda”.

b7: “Acho que incentivo de quem já dança e também força de vontade pra poder aprender”.

Na quinta questão procurou-se saber se a mulher é bem aceita no movimento e por quê. Como já foi dito antes, eles gostam e acham importante a presença feminina no movimento independente, se elas fazem parte de algum dos elementos do movimento ou não. Desse modo, por parte deles elas são bem aceitas sim, mas ainda na opinião de uns existe um preconceito, uma discriminação por parte de alguns *b. boys* o que é bem difícil de ocorrer, mas ainda existe e também por parte da sociedade principalmente que discriminam os homens por dançarem julgando como “vagabundos” que dirá as mulheres.

b1: “No caso dos *b. boys* sim no caso da população não, dos *b. boys* pelo fato de ter uma *b. girl* e tal, eu mesmo queria ter uma *b. girl* já tive duas na minha equipe que hoje em dia não dançam mais e hoje eu queria ter uma *b. girl* na minha equipe, e já a população acha que aquilo ali é coisa de vagabundo até os homens não são aceitos imagina as mulheres”.

b3: “Eu acho que não porque tipo tem alguém que incentiva, mas também tem outros que diz não, lá num é lugar pra mulher dançar, a maioria critica às vezes como eu vejo, tipo você hoje vê que a roupa fala mais do que a pessoa é por dentro tipo meu pai quando eu saio de casa diz já vai dançar vagabundo, ai ta eu vou ai pego a bicicleta e venho, ai tipo um estilo de homem dançar as pessoas já discrimina imagina uma mulher querer vestir igual um *b. boy* a pessoa vai dizer oi que menina doida, como já falaram comigo entendeu a pessoa tem que ter a mente tipo eu sou assim e cabou velho”.

b7: “Eu num vou dizer no geral porque nos outros lugares eu não sei, mas pra mim aqui em Sergipe eu acho que sim”.

A inserção das jovens é permeada por contradições e conflitos sendo que o lugar das mulheres dentro do movimento ainda é pequeno, as que buscam se inserir lutam diariamente por espaço e reconhecimento dentro de uma cultura que é regida por homens (ZANETTE, SOUZA, 2008, p. 104).

Na sexta e última questão perguntou-se se há *b. girls* em seus respectivos grupos, no grupo A há uma *b. girl*, mas que no momento se encontra ausente dos treinos com o grupo, já no grupo B atualmente não tem as que antes faziam parte do grupo tiveram que sair, uma devido a problemas pessoais e a outra por ter ficado grávida e hoje tem que cuidar do seu filho e não tem como estar treinando.

Grupo A

b1: “Tive duas *b. girls* na minha equipe uma saiu por motivos pessoais, dela e de um outro integrante da equipe, e a outra saiu porque ficou grávida teve um filho e tal teve que cuidar e num pode mais”.

Grupo B

b4: “Tem, eu considero ela como integrante do grupo”.

b5: “Tem uma, mas que está ausente no momento”.

5. Conclusão

Pode-se perceber segundo o que foi dito pelos grupos que foram entrevistados, que as mulheres são bem aceitas no movimento *hip hop* de Aracaju-SE, principalmente na dança *break*, pois eles demonstraram em todo momento que sentem grande satisfação não somente de ver a mulher no movimento, mas de tê-la inserida.

Muitos disseram incentivar suas namoradas porque gostam de ver a mulher dançando fazendo o que eles fazem, do jeito delas de ser mulher a questão da feminilidade que pra eles isso enriquece a dança. Outro aspecto também importante é que se movimentam de modo que antes era considerado algo somente para os homens uma vez que exige certa habilidade e força, eles ressaltam que o que se considera pra uma mulher disputar uma batalha são a técnica e a limpeza de movimentos, enquanto que o homem além da agilidade é necessário força, já a criatividade e a musicalidade é um critério que vale pra ambos os gêneros.

Esse desejo de ter mais *b. girls* se dá devido à falta de mulheres que dançam o *break*, eles acreditam que a sua ausência provém da falta de incentivo de quem já dança e da força de vontade da mulher que quer aprender a dançar. Há também a questão da discriminação que pode ocorrer devido a ser um movimento que geralmente se origina nas favelas e que tem muitos homens, então a pre-

sença da mulher num ambiente que é predominantemente frequentado e dirigido por homens são vistas de um modo distorcido pela sociedade.

Diante de todas essas questões que foram abordadas percebe-se que a mulher é bem vista pelos membros do movimento *hip hop* e que elas exercem um papel importante, pois elas buscam a todo instante ocupar seu espaço mostrando que também são capazes possuindo um imenso valor pelo fato de ser mulher e dançar, sendo motivo de orgulho pra os *b. boys* de Aracaju-SE.

6. Referências

ALVES, A. P. **Mulheres na dança do Movimento *Hip Hop***: a construção do sujeito reflexivo a partir de uma nova pedagogia de gênero. Rev. Gênero, Niterói, v 10, n 1, p. 31-46, 2º sem.2009.

ALVES, A. P; VOTRE, S. **Mulheres no *break***: a dança do movimento hip hop numa comunidade pobre da cidade do Rio de Janeiro. Florianópolis, 2008.

ALVES, A. P; VOTRE, S. **A presença feminina no movimento *Hip Hop***: a construção da autoidentidade a partir do breakdance. Salvador, 2009.

FOCHI, M. A. B. ***Hip Hop* brasileiro**. Tribo urbana ou movimento social? Rev. FACOM, n. 17. p. 61-69, 1º sem. 2007.

LIMA, A. D. S; ALMEIDA, M. C. P; LIMA, C. C. **A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem**. Rev. Gaúcha Enferm. Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 130- 142, 1999.

PAPA, F.C.; SOUZA, R. **Jovens feministas presentes**. São Paulo: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert; Brasília: UNIFEM, 2009.

TERENCE, A. C. F. **Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa** - ação nos estudos organizacionais. ENEGEP. Fortaleza, 2006.

WELLER, W. A. **A presença a feminina nas (sub)culturas juvenis**: a arte de se tornar visível. Rev. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 107-126, 2005.